



UMA PAIZAGEM NA SUISSA.

A nossa estampa representa um dos sitios mais pittorescos da Suissa, que é entre Rahten e Wellien, na fronteira saxonica.

As margens do Elba, tão risouhas, transformam-se insensivelmente na proximidade d'este ponto. Comegam então a descobrirem-se montanhas isoladas circulares ou truncadas, pela esquerda corre uma linha de rochedos perpendiculars, de aspecto selvatico, e como a mirarem-se no rio.

Algumas d'estas penedias, pelas suas fórmas singulares, receberam denominações diversas, por que se distinguem de outras; a umas chama o povo *kaisers-nase*, o nariz do imperador; a outras o nariz de Luiz XVI, a locomotora, o canapé etc. etc. mas em geral assimelham-se aos innumeraveis bastiões de

uma immensa cidadella; n'um pincaro inacessivel observa-se ainda hoje uma concavidade a que vulgarmente se chama *gruta do monge*; mas o ponto mais elevado, e por consequencia d'onde se gosa um mais extenso e rico panorama, é do alto dos formidaveis penedos que se vêem na gravura.

Sobre um d'elles construiu-se uma varanda para segurança dos viajantes.

Para lá chegar, e por conseguinte para poderem gosar-se os magnificos pontos de vista que d'ali se disfructam, é mister atravessar uma pequena, mas forte, ponte de madeira, e depois sujeitar-se o viajante um a uma ascensão difficil, e não inteiramente isenta de perigo, como pode suppôr-se.

Acerca da Suissa, sua historia e instituições so-

VOL. II. — 3.^a SERIE.

Agosto 27, 1853

C. M. L.
GAMINDEE
DE... DOS
QU... 25

ciaes, encontrará o leitor curioso em varios numeros da collecção d'este semanario, excellentes e noticiosos artigos. (1)

INSTRUCCÃO ELEMENTAR.

III.

Como proverá o corpo legislativo á multiplicação das escolas? Muitos são os meios de que póde dispôr, e quando suprêmos males estão reclamando medicina energica, não ha desperdigar nenhum d'elles; não ha seismar, e temer demasiadamente os poucos recursos do estado. Ouro nem sempre é o de que mais se carece para occorrer a grandes obras. Pensamento bom e amadurecido; meditação repousada e conscienciosa para o applicar; determinações a tempo; vigilancia na execução; valem mais do que thesouros.

Se queres pódes. O Evangelho, que legislou para alentar animos fracos, pusillanimes, desfallecidos, nol-o ensina. Antes d'elle já a antiguidade tinha isso como grande remedio a impossiveis, nascidos de indecisão e má vontade. Perseverança, vontade fervorosa, que de dentro d'alma saia por convicção, são as maiores machinas de guerra para rechegar difficuldades, e colher louros em campos inimigos.

O nosso parlamento bem póde se quizer triumphar de tudo: torne *obligatorio* o que ainda não passou de *facultativo*, e a multiplicação das escolas ficará problema resolvido, mesmo com cousa parecida ao que já dispõe a legislação vigente. Expliquemo-nos. O decreto legislativo de 20 de setembro de 1844, que regulou a instrução pública, facultou ás camaras, juntas, irmandades e confrarias parochiaes, darem subsidios a quem ensine nos logares baldos de escolas; mas n'este *facultar*, sem *obligar*, reside um dos maiores males e estorvos ao progresso da instrução elementar. Cumpria determinar, terminantemente, que todos esses corpos concorressem á multiplicação das escolas, que d'esta arte mais ganhava a humanidade, e ser-lhe-ia este serviço sobre todos relevantissimo.

Em verdade mui perseguidas de encargos estão as administrações municipaes. Não ha empregô, não ha comissão de novo invento, para que se lhes não mande abonar ordenado! E as estradas, e as aguas a padecer! E tanta obra absolutamente necessaria a clamar! E o numero dos expostos a multiplicar e a absorver quasi tudo o que o pobre municipio liquida, sem que se cuide nos meios porque este fatal incremento possa porventura parar! E os rendimentos do concelho cada vez a menos e mais desfalecidos! Cesse todo este abuso. Deixe-se ao municipio applicar immediatamente ás suas necessidades exclusivas os rendimentos proprios. Porque não ha de o celibato pagar contribuição directa de capitação, com que se dote a junta geral administrativa do districto, habilitando-a assim a absolver as camaras da quotisação para sustentação de expostos? Antigamente contribuiam as misericordias para manutenção d'elles, e era isso obra muito do espirito e sympathia do seu instituto; manter e amparar os primeiros passos da creatura abandonada, sem abrigo e sem amor de paes, logo no alvorecer da existencia. E porque não ha de ainda hoje ser isto obrigação

geral d'ellas? Isto daria mais folego ás camaras para occorrerem aos multiplices encargos que as affectam, habilitando-as a sustentar a expensas proprias escolas no seu concelho, ou contribuir com parte do rendimento de cada um (assim como as juntas, irmandades, e confrarias parochiaes) por fórma que tudo revertesse a cofre privativo da instrução elementar municipal e parochial, e d'ahi se applicasse a bons mestres, que professassem nos logares em que não houvesse escolas, pagas pelo cofre nacional.

N'estes novos elementos, que por não innovar de mais, apontamos como agentes possiveis á tão necessaria multiplicação das escolas, não ha nem a estranheza nem a inconveniencia que achariam praguentos, que por tendencia de mesquinha organização tudo costumam embargar e sophismar. O cofre do concelho, proporcionando meios de instruir os seus municipes, e preparar gerações mais uteis a si e á nação do que o podiam ser até agora, provê a uma das maiores e mais reaes necessidades de portas a dentro. A junta de parochia, a irmandade, a confraria, que supprimiram uma festinha ignorada e inutil, porque nem serve a edificar quando os espiritos não estão convenientemente preparados por uma educação religiosa; nem serve de espectáculo e admiração pela magnificencia, que as forças lhe não comportam; terão convertido em obra mais proveitosa e acceita a Deus as verbas do orçamento applicadas a vãs glorias: as sobras não pequenas que muitas têm não irão augmentar progressivamente capitaes mutuados, mas em compensação d'isso, destinal-as á instrução liberal dos fieis é um melhor serviço prestado ás almas, que a pobreza traz condemnadas a cegueira, e talvez por isso mesmo a perdição.

Sejam todas as escolas primarias da mesma categoria, mas variem de turma na razão dos cofres de que derivam. Multiplique e pague o estado as escolas ditas NACIONAES, não tanto augmentando-lhes o numero, mas regulando-as normal e adequadamente: obrigue a lei as camaras a sustentar as escolas MUNICIPAES; e as juntas, confrarias e irmandades as PAROCHIAES; todas bem gratificadas, e sem differença de plano, e então veremos desaparecer a grande calamidade, o primeiro estorvo á instrução popular; a tão sentida falta de escolas.

Soberana missão é a do preceptor da mocidade: tremendissima a responsabilidade da sua escolha! O mestre é a urna que encerra o futuro destino de uma, porventura de muitas gerações; é a boa ou má semente que ha de ou produzir cicuta que envene-ne; ou grão que loureje alegrias, abundancia, pão da vida, e hostia do sacrificio; porque nenhuma herança ha, nem mais certa, nem que menos diminua nas successões, do que a de uma boa ou má educação, que toda prende essencialmente nos mestres, em quem a da primeira mocidade reside. Quão incalculavel não é pois a somma de resultados positivos, que por isso d'elles dimanam!

Mãe preceptor, desleixado e insciente, nem póde despertar na infancia actividade, nem dar-lhe sciencia que não possue. D'aqui a insubordinação e fatal ousadia com que das aulas se sae a fazer frente e opposição a superiores; d'aqui tanto desbarate inutil de vida de filhos, e fazenda de paes; tanta maldade e crueldade, que exemplo e doutrina do professor indigno nunca combateram nem souberam domar; tanta inutilidade de bragos e de intelligencias; tanta ociosidade e desmoralisação de novos e provectos! Ao que não se arroteou os maninhos da alma falta de preceito theor de boa vida e doguras de animo; brago sempre prompto ao trabalho e mente propensa á reflexão; boas maximas para crear fi-

(1) Vejam-se o 1.^o Vol. da 1.^a serie, pag. 150; 2.^o dito, pag. 137; 4.^o dito, pag. 342 etc. etc.

lhos, e comprehender que na educação a elles dada instituirá morgado para cada um, patrimonio inalienavel, que os póde acompanhar aos mais remotos confins do globo, e que lá mesmo nem padece, como os outros bens, detrimento do tempo, ou depreciação dos homens. Que membro de sociedade civil e religiosa póde ser este homem e este pae sem instrucção elemental? Que filhos, que futuros cidadãos nascerão d'elle? É uma fonte envenenada ou faminta, de que só manam a morte ou a miseria: morte de muitos, em quem a falta de instrucção e bons preceptores cria ou desenvolve indoles malfadadas, que no patibulo os ceifam em fiôr: miseria de quasi todos, que não pódem com aptidão adquirida, e com trabalho proficuo, gozar do fructo d'uma existencia, que Deus creou para bem, e que o desleixo e ignorancia dos homens perverteu, desvirtuou! E tantos males, que a multidão deplora e não remedeia, de que pódem partir se não da falta ou má escolha de mestres?

Bom mestre! Que seductor e risonho que é o quadro dos fructos que produz! Tudo são benções em torno d'elle. De terras vergontas fez a sua illustração e bom espirito os melhores esteios sociaes. Deu aos paes filhos submissos e respectuosos, que lhes encham de contentamento a velhice: para a familia e para a sociedade creou membros mais acrisolados nos affectos, mais ternos nos sentimentos; membros que se preparem novo lustre aos nomes seus, e dos seus; que no amor á applicação, no odio á preguiça e á guerra, promettem ás esposas esteio, e paz affectuosa; aos filhos descendencia mais illustre; á nação mais uma perola, mais um servidor de consciencia, que não a engane, e lhe aproveite como cento!

O perigo de máus mestres não o encarecemos: o proveito dos bons não o exagerámos, que n'uma e n'outra pintura nos propuzemos moderação. Mas ainda assim é incontestavel, que mal irá a todos e a tudo se por uma vez se não descobrir e applicar prompta medicina á boa escolha de professores elementares.

É como conseguil-o? Facilmente. Chamando ao magisterio individuos, que por virtudes e habilitações se recommendem: virtudes, para o exemplo, para a educação moral; intelligencia cultivada, para a doutrina, para a obra particularmente artistica.

Resta ainda remover o embaraço, não da falta de individuos competentes, mas de definir os meios mais efficazes para attrahil-os. Mal quereremos chegar aos fins appetecidos, em quanto ao vencimento dos professores de instrucção secundaria se não igualar o dos de ensino primario; ensino tanto ou mais importante ainda, do que aquella, a que nem todos chegam, nem é indispensavel que cheguem, quando o ensino elemental deve estender-se a todos sem excepção.

Como se esperará que o professor reuna todos os dotes de independencia e dedicacão ao encargo, além das muitas habilitações cabaes de principios, grammatica, chronologia, geographia, historia patria, geral e sacra, rudimentos de sciencias exactas, moraes e politicas, etc., que lhe são indispensaveis; quando se quer obter e pagar tudo isto com ama centena de mil réis, como se tem feito, e está fazendo, sem proveito de mestres, que morrem de fome, nem da mocidade, que por força jejua, e jejuará instrucção?

Desenganemo-nos, que não é por tal preço que se ha de conseguir e fazer professores bons de que tanto se carece. O homem, que consumiu annos, paciencia e dinheiro em cursos regulares; que possui

instrucção, e em que se téem radicado habitos de recolhimento e estudo, não irá nunca solicitar uma cadeira, a cujo desempenho votaria dia e noute, para não ter a mesquinha retribuição de um porteiro: põe olhos de esperanza em profissão, que melhor o indemnisse do trabalho passado. Convençámo-nos todos de que o mal, como as máservas, cresce melhor á sombra. Façamos pois os sacrificios possiveis pela luz. Menos dinheiro para matar e perverter homens; mais dinheiro para fazer bons cidadãos.

Com a actual organisacão da instrucção primaria fóra debalde esperar-lhe melhoria, que toda se inclue na bondade dos professores. Quereis d'elles obra que a todos lisonjeie? pagae bem, e escrupulisae nas provas de habilitação. Éstaes pobres? não tendes de onde vos venham recursos para esse augmento de despesa? esforçae-vos: não lhe dupliqueis o ordenado, triplicae-lh'o, quadruplicae-lh'o se é possivel; que em compensação vereis que valem por dez, por vinte, por trinta dos antigos servidores; que o que dez annos d'estes não fariam, um mez dos outros o consegue; que, graças á reforma, das aulas brotam não cópia de alumnos vulgares, mas abundancia de novos mestres, proficientes, illustrados, que como em viveiro se dispuzeram e cresceram nas aulas d'aquelles benemeritos professores. Uma boa escola vale mais do que quantas más, e das actuaes, se possam imaginar. Se não podeis occorrer a muitos professores, dos taes ungidos para o magisterio, antes cereceis o numero das aulas fallidas, que desde tantos annos inda não produziram obra que se visse; e fundeis de novo poucas, mas escolhidas e bem pagas, de modo que attrahiam a servil-as homens a todos os respeito competentissimos. Por esta fórma é obvia a resolução do problema.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XXII.

O juizo de Deus.

HAVIA tres dias já que em Coimbra tinham passado os acontecimentos descriptos na festa da coroação. Serena e linda noite caía depois do mais alegre dia de primavera. A lua ao cerrar do crepusculo, plena e alta nos céus, banhava de luz os tufos do matto; e a copa dos robles e pinheiros, balouçada por vento fresco, estirava as sombras ondeantes na estrada do burgo episcopal do Porto.

N'uma volta do caminho haviam-se apeado uma dama e dois cavalleiros. Entre pagens e homens-d'armas seriam até nove os da companhia. No semblante de todos a tristeza e a fadiga liam-se claramente.

— «Maldita a hora em que nasceu um filho ao primeiro dos Viegas! Maldito o instante em que o sangue d'elles e o nosso abriu uma sepultura entre os dous solares. N'esse dia o inferno triumphou!»

O homem que assim fallava era Martin Paes. Deitado no chão, com a cabeça sobre o braco curvo, o desalento, o remorso e o temor pintavam-se na melancolica exclamação em que prorompia depois de largo silencio.

— «As palavras da ermida . . . oh se ellas se cumprem! . . .» murmurava D. Nuno que naturalmente pusillanime, com o cansaço do corpo e o continuo sobresalto do espirito cada vez estava mais desfallecido d'animo.

— «Cumprem! Dos que viemos aqui escapará um só. Qual? Não sei.»

— «Mercê de Deus!» bradou todo enfiado o velho alcaide pondo se em pé. «Quem vos disse isso?»

— «Quem não mente. Esta noite será a ultima para nós. Contam-se os tres dias; e vi-o, ao de Salzedas, que me chamou e me disse: — «A' manhã serás comigo cadaver sem sepultura!»

— «E deixas-te estar deitado a descansar quando o inferno corre atraz de nós?» gritou D. Nuno, que o medo enlouquecia e tornava irascivel.

— «Aqui, ou no meio do galopar mais rapido, que importa? O braço de Deus chega a toda a parte. Seguros só no solar de Lanhoso. E quem é tão louco que espere chegar lá com os que nos perseguem?»

— «Tentemos. Apanhados como rapozas! Quero fugir. Vós que o matastes, se o sangue vos gruda os pés, ficae. Sou innocente, e não tenho nada com a sua vingança.»

— «Covarde, vil!» gritou o cavalleiro de Lanhoso, levantando-se de repente e sacudindo com furia o alcaide. «Não aconselhaste, não approvaste o crime? Julgas que enganas a Deus? Cuidas esconder o sangue das mãos áquelles olhos?»

E mostrava as estrellas a tremerem na abobada celeste. D. Nuno abria a bôca para se desculpar, porém o cavalleiro moço, tapando-lh'a com a mão, proseguiu em ar triste e solemne:

— «Parti ou ficae, D. Nuno. Não vos expulso, não vos chamo. Mas nem uma palavra só. Demais vos tenho ouvido. Seria fado tremendo meu o cumprir-se por estas mãos, em vós, o emprazamento de Gomes Lourenço.»

O velho cavalleiro mudo e convulso caiu quasi sobre os joelhos como fulminado. Entretanto o mancebo olhava amarguradamente para Maria Paes, que cedendo ao cansaço da jornada adormecêra deitando a fronte n'uma pedra.

— «Minha irmã, triste irmã o que será quando souberes!» suspirou elle.

O somno d'ella era agitado. O espirito, cortado das vigílias e dos pezares, luctava com visões terriveis, no meio de gemidos e gritos de horror. O suor luzia-lhe na testa, e com a mão tremula, como que repellia imagens lugubres que a terrificavam.

— «Não fui eu! Porque sorris? Perdoa, ia salvar-te! Essa cabeça . . . O meu filho, o meu filho, qué o mataram!»

E accórdando com a agonia, poz-se em pé, immovel e pallida com a mão no peito, e duas lagrimas geladas nos olhos.

— «Meu irmão,» disse em voz preza e soturna, «vi-o agora mesmo. Os beiços frios mechiam-se; e senti o sópro de neve da sua respiração metter-me nos ouvidos esta maldição: Fizeste um filho orphão, orphão serás dos teus. Martim Paes, pelo santo temor de Deus, aonde está o meu Sancho, o filho do meu amor?»

— «Maria, irmã da minha alma!! . . .»

— «Morto? morto! . . .» gritou, ou antes rugiu ella com aquelle gemido agudo e vibrante da dôr materna, que rasga as entranhas quando se ouve.

— «E nossa mãe com elle. Arderam em Santa Olaia.»

— «Maldito sejas de Deus! Perdoa-me, irmão; não sei o que digo. Elle disse-m'o, e ri-se; os olhos mortos parecia que iam viver de odio. Porque fizeste isto? porque o consenti? . . . Perdemos-nos a ambos para sempre!»

— «E' verdade; para sempre.»

— «Prouvera a Deus que fosse um sonho . . . Filho do meu sangue, que morte! Amor unico da minha alma! . . .» E desatou a chorar com a cabeça no hombro do irmão.

— «A cavallo, a cavallo!» bradou D. Nuno, mettendo o pé no estribo. «Olhae como reluzem os cascos d'ago! Seguem-nos!»

Montaram logo e fugiram. Parecia a cavalgada infernal que devora a distancia, e não conhece a fadiga. Às vezes no meio do ruido seguido, uma voz erguia-se, para bradar de novo «a galope! a galope!»

E galopavam, galgando os vallos d'um pulo, salvando as torrentes d'um salto, e engolindo o espaço na endoidecida carreira. Mas atraz escutava-se cada vez mais distincto o tropear dos ginetes, resoando e crescendo, ora esmorecido na baixa dos valles, ora reboante no chão plano, igual ao susurro cavernoso da terra, quando presente o tremor nas entranhas.

A corrida despedia-se a cada instante mais vertiginosa. No perpassar os objectos mal fuzilavam nos olhos; os cavalloos arquejavam espumando; e a espora toda sangue estimulava-lhes o derradeiro alento.

Martim Paes na respiração oppressa do corsel percebeu que breve teria de parar. E todavia folgal-o equivalia á morte. Das duas carreiras que se rasgavam no deserto a sua é que perdia terreno. Ha pouco ouvia só os ginetes; agora distinguia já os latidos raivosos dos lebreus; e algumas vezes, que do mesmo modo que a sua, eram incansaveis em bradar — «a galope!»

— «A galope!» exclamou elle cravando no generoso animal as esporas com ancia. «A galope!» disseram todos partindo a todo o correr.

Adiante alargava-se uma solidão aonde a vista não descortinava senão cabeços cobertos de selvas bravias, ou collinas nuas e rasgadas de algares pelas torrentes. Nem povoação, nem cultura. Só o espaço, o céu, e o luar melancolico, que envolvia tudo no branco sudario da sua luz! De intervallo em intervallo, no silencio do ermo, estrepitava uma levada dobandando de cima dos penhascos; ou resoava o bramir das feras, vagueando por entre os montes. Uma ponte grosseira construida de madeiros apodrecidos, sobre os quaes pousavam poucas taboas mal-juntas, atava entre si dous outeiros aprumados. Por baixo d'elles, fundo, angustiado e tumido, passava um rio. Da ponte para diante, e no fim das gandaras, estendidas quasi meia legua além, principiava a paizagem a animar-se. A' direita apercebiam-se ao longe como fundo virente bastos laranjaes e olivedos. A' esquerda, e menos distante, entre arvoredos, alvejava uma ermida campestre. A sineta, tocando a laudes e matinas, annunciava com o som triste e argentino que a noute ia no meio do curso.

A' beira d'um regato o cavalleiro de Lanhoso viu passar muda e esbelta a graciosa figura de sua irmã, e atraz d'ella um corsel estacar, ennovelar-se, e cair. Depois conheceu a voz de D. Nuno pedindo soccorro. «O inferno a quem serviste que te valha!» exclamou soltando mais a redea. Tinha adiante o velho alcaide prezo pelo estribo ao ginete moribundo. A lua batia-lhe no rosto contrahido pela dôr e pelo susto. Atraz o inimigo vinha tão proximo que sentia o tinir das armas. Não hesitou. Cravou os acicates nos ilhaes do corsel para galgar de um salto o corpo do seu cumplice. O cavallo desfallecido fez um esforço, mas não pôde salvar a distancia. Resvalando, a ferradura cravou-se funda na testa de

D. Nuno, e o grito agudo da morte, que elle arrancava, confundiu-se com o ardente vozear do senhor de Lanhoso: — «A galope, a galope!»

— «Pára!» bradou a voz do mais adiantado que o seguia. E sem se deter proseguio no rasto.

Uns apoz outros os homens d'armas iam caíndo. Martim Paes e sua irmã continuavam sempre, ora apparecendo no cimo dos montes, ora fugindo pela quebrada dos valles.

A tropeada dos que os seguiam tinha diminuido. O cavalleiro de Lanhoso virou-se, e apercebeu apenas um homem, que em vez d'espada retalhava com o punhal o esfalfado murzello. Chegavam á entrada da ponte rustica.

— «Por ali; a bom correr!» exclamou mostrando um atalho ingreme que serpeava pela esquerda. «Por ali D. Maria, e vós com ella. Eu não tardo.»

Em quanto elles tomavam para o sitio indicado, D. Martim quiz volver sobre o adversario que tinha perto. O cavallo não pôde mais e caíu. O do contrario rolava pelo chão do mesmo modo.

N'este logar foi o ultimo acto da tragedia.

Quando se conheceram, os dous campeões recuaram involuntariamente, uma nuvem cobriu a lua; e o horror da escuridade veio juntar-se ao horror do ensanguentado drama. O duello ía começar implacavel e tremendo. Por testemunhas Deus, a noute, e as estrellas. Para liça o estreito espaço d'essa ponte, suspensa e aberta sobre um precipicio, onde não havia recuar sem receber a morte. Para sepultura o abysmo rugidor das torrentes.

«Covarde!» — «Verdugo!» foram as palavras, que saíndo ao mesmo tempo da bôca a ambos quasi se conglobaram n'um rugido unico. Depois o silencio; o rapido som dos ferros saltando da bainha; o seu lampejar nas trevas; e as faíscas, que tiraram, batendo um no outro. O tropel dos cavalleiros, as matilhas, e os homens d'armas passaram ao lado, e a distancia, sem os divisarem.

Em poucos minutos o sangue escorria pelas armas dos combatentes. Nenhum se defendia. Ferir era o fim de ambos. A desesperação animava a Martim Paes; a vingança redobrava as forças de D. Egas. Nem um palmo tinham recuado. Era uma lucta cega. Não viam nem sentiam.

Uma ferida no joelho esquerdo fez curvar o cavalleiro de Lanhoso. Rangendo os dentes, Egas cresceu sobre elle exclamando: Não ha mercê! A ponta da espada no peito foi a resposta. Os ferros fuzilavam; os golpes entalhavam o arnez desfeito; as armas estalavam; e os cascos d'aço rolando mergulharam-se na torrente. Com os olhos chammejantes, devorando-se na escuridão; com as adagas tocando-se pulso contra pulso; enlaçados, enovelados hombro contra hombro, pareciam duas feras dentro do circo. Por fim o punhal escapou das mãos de Martim Paes, e o corpo exangue vacillou e caíu. Apenas tocava com a fronte o chão sentiu, se já sentiu, entrar-lhe pelo peito o ferro inimigo até á empunhadura. D. Egas quiz erguer-se, porém tambem não pôde. Ficou amortecido junto do contendor.

Muitas horas depois a luz dos fachos aclarava a scena lugubre; Affonso II e os ricos-homens, que o acompanhavam, chegaram tarde. D. Egas ainda respirava, e foi transportado á ermida proxima. O som da trompa attrahiu os da cavalgada do cavalleiro de Salzedas, e o armeiro Pero Britador fazia com maldições atrozes a oração funebre do defunto alcaide D. Nuno.

— «Que ninguem sepulte os traidores!» bradou o rei. «Os abutres sejam os coveiros!»

(Continúa)



A DELADA.

A *delada*, ou *dente* sagrado de Buddha, preciosa reliquia dos singolezes, está depositada em uma pequena camara de um dos seus templos, o qual se denomina o Malegawa, contiguo ao palacio de Kandy, principal residência dos reis d'esta celebrada cidade occidental, na ilha de Ceylão.

Aquella camara está brilhantemente illuminada com lampadarios, e forrada de ricos pannos de brocado, bordados e entretecidos com fios de ouro; no centro, sobre uma meza de prata lavrada, observam-se seis relicarios de ouro puro, e dentro do ultimo d'estes a *delada*, assente no meio de uma flôr de loto, tambem feita de ouro.

O dente de Buddha esteve primitivamente no grande templo de Jaggernath, e segundo a Mahawanso (uma das antigas chronicas indicas) foi trazido para Ceylão no A. D. 400.

A genuidade da *delada* tem sido posta em duvida. Ha quem diga que não é o dente de um homem, senão um bocado de amarelento marfim, de duas pollegadas de comprimento, e uma de diametro; todavia elle é considerado como o palladium do paiz. Os buddhistas crêem que aquelle povo que estiver de posse da *delada* tem o direito de governar em Ceylão. No anno de 1815, quando as tropas inglezas, depois de um renhido combate, venceram os kandienses, e capturaram os seus chefes, a posse da *delada* não concorreu pouco para o effectivo restabelecimento da paz.

Segundo um dos historiadores indigenas, Goutama Buddha morreu 543 annos antes da era christã: o seu cadaver foi consumido; mas o rei Khoima pôde tirar-lhe um dos dentes, que foi enviado para a India, e ali venerado por espaço de seculos; conduziram-no depois para Poelalup, e então começaram, na phrase dos naturaes, os prodigios operados pela *delada*. Ordenou-se que fosse lançada n'uma cova com carvões accesos; e começou de fulgir com tão brilhantes raios que illuminavam o universo! Foi em seguida queimada e pizada por elephantes; e tornou a apparecer no interior de uma flôr de loto de oiro! Lançada em um infecto charco, este converteu-se n'um soberbo lago, coberto com as mais formosas flôres de loto, em uma das quaes tornou a ser encontrada intacta. Finalmente tendo os ahoilakes espalhado que aquellas maravilhas eram supostas e falsas, puzeram a *delada* em uma bigorna; mas quando se levantou o martello para a fazer pedagos, ella sumiu-se para dentro do ferro da mesma bigorna! O rei permittira aos buddhistas provar a verdade da sua crença; e eis que Subhadra, que edificára o templo, mostrou a sagrada reliquia, ful-

gindo com extraordinaria claridade dentro de uma taça de ouro, que tinha na mão! O rei reconheceu que este ultimo prodigio fôra o meio de promover o triumpho da verdadeira religião.

Este palladium indico esteve exposto ha poucos annos; e foi em agosto de 1817, que o sr. A. Nichol o pôde desenhar, como se vê na estampa, para o que obtivera prévia licença de admissão no Malegava (templo).

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

IV.

A aldeia dos grumetes. — Um bocado de historia. — Que gente é esta? — A correição. — D. Fr. Victoriano Portuense, e o convento de Bissau. — Da verdade á historia que distancia haverá?

O DECRETO dictatorial de 1834, que aboliu as ordens religiosas do sexo masculino em Portugal e nas suas possessões ultramarinas, passou desaperecebido por os conventos de Guiné: a sua acção não chegou aqui, porque uma dictadura, não menos implacavel, a do tempo, preveniu a acção destruidora, que n'outras partes se fez sentir.

Desde que o marquez de Pombal, depois da extincção dos jesuitas em todos os dominios de Portugal, obrigou os regulares a separarem-se do tronco de que apenas eram os ramaes, os conventos de Cabo Verde e de Guiné converteram-se em presidios, e assim foram declinando até que se extinguiram por si mesmos (1), a ponto de que hoje nem se conhece o local em que esteve o de Bissau.

Parcece que o seu desaparecimento pôde collocar-se entre 1806 e 1811; e que muito concorreu para elle a invasão franceza e successos que se lhe seguiram, que interromperam por largos annos as communicações entre a metropole e esta colonia. Mas quando é que esta casa foi construida? seria exacto attribuir a honra d'esta obra ao bispo D. Fr. Victoriano Portuense, como o faz o historiador, a que me refiro, em mais de um lugar do seu livro, e que depois vi repetido por outro, que não fez mais do que copiar-o? a mim parecia-me que não, pelas razões que passo a expôr. Depois direi o que a semelhante respeito se pensa em Bissau, e em Cabo Verde.

Lendo a carta do rei Incinhate, que dos registos da secretaria fiz transcrever no n.º 112 do *Boletim Official* de Cabo Verde, de 25 de outubro de 1845, achava n'ella uma prova de que esse convento já existia em 1630; pois encontram-se as seguintes palavras: « Quando se queimou o convento disse (o capitão-mór José Pinheiro, de que amargamente se queixava este rei) que eu é que tinha queimado, fui com a minha china jurar para lavar minha cabeça tirou devassa entre os christãos ficou n'elle os seus soldados que trouxe, disseram na devassa que elle é que poz o fogo. »

É sabido que houve uma guerra por este tempo, que só acabou em 1698, quando o capitão-mór José Pinheiro foi rendido para dar satisfação ao rei Incinhate, nomeando-se em seu lugar Rodrigo de Oli-

veira da Fonseca, que foi o segundo capitão-mór, que Bissau teve; e não era durante uma guerra, que se podia estar trabalhando tranquillamente na edificação do convento em sitio não defendido, e por isso exposto aos ataques dos negros.

E não se cuide que esta guerra era de pequena importancia. Contra uma tal e tão arbitraria supposição protestam energicamente as seguintes palavras de uma carta, que em 26 de dezembro d'aquelle anno dirigiu José Pinheiro a Vidigal Castanho, capitão-mór de Cacheu, na qual lhe dizia: « Que logo logo o socorresse com todas as embarcações e gente que na praça (em Cacheu) estivessem, e todos os mantimentos que fosse possível, por lhe ter o rei e mais gentio posto em sitio de tudo isto, e prohibido continuar com o trabalho da fortaleza, e que fosse sem demora, que não chegasse a tempo, que achasse todos degollados. » Isto mostra bem que se não estava no caso de poder dispensar-se nenhuns braços.

Não foi portanto feito o convento em 96, e annos seguintes até 98, do contrario não se teria queimado no primeiro dos ditos annos. Mas seria feito da primeira vez que este bispo esteve em Guiné, visto que ali foi duas vezes? tambem não. Elle tomou posse da sua Sé a 17 d'abril de 1688, e d'ahi a poucos dias ficou governando a colonia por ter sido chamado a Lisboa o governador Verissimo de Carvalho da Costa; e só entregou o governo em 1 de março de 1690 ao novo governador Diogo Ramires; depois do que foi visitar todas as ilhas da sua diocese, e d'ahi é que seguiu para Bissau, onde não podia chegar antes dos fins de 1691, ou principios de 1692. Como é pois que, sem meios pecuniarios, pois todas as suas economias as tinha dispendido em fazer a Sé, e já não tinha dinheiro para a concluir, como elle proprio confessa em carta a el-rei; como é que podia começar e acabar o convento em menos de quatro annos, para poder ser incendiado durante a guerra? Isso não é crível.

É preciso não ter idéa nenhuma do que é hoje Bissau, e por ella do que seria então, para que alguém possa suppôr que em tão pouco tempo, sem recursos pecuniarios, e sem obreiros, se concluisse esta obra, quando a da fortaleza, apenas de adobe, consumiu mais de cinco annos; e contudo não tinha as mesmas difficuldades com que lutar.

Das outras affirmações não me faço agora cargo, pois em occasião opportuna serão refutadas, se me não esquecerem, o que procurarei evitar.

A opinião mais geral é que o convento de Bissau e o de Cacheu são coevos, com pequena differença de annos, para mais ou para menos entre um e outro. Ao passo que uns querem que o de Cacheu fosse fundado depois do de Bissau; outros querem, e a estes inclino-me eu, que o de Cacheu foi fundado primeiro. Em todo o caso a data é fixada entre 1655. dous annos antes do de Cacheu, e 1663, cinco annos depois d'este: e se não me engano, attribuem-se ambos a Fr. Pedro Lordello, ou de Lordello.

Contudo se não pôde attribuir-se ao respeitavel e virtuoso bispo D. Fr. Victoriano Portuense a gloria de ter edificado este convento, cabellhe uma muito grande pelo ter mandado reedificar; e principalmente pelas perseguições que soffreu pela religião, e por ter attendido com tão paternal interesse ao bem espirital das ovelhas confiadas ao seu cuidado pastoral. A elle se deve o estabelecimento da primeira igreja parochial, que Bissau teve, á qual deu a invocação da Senhora da Candellaria, de que era mui devoto.

Na provisão regia de 13 de março de 1692 encontram-se duas verbas que, na minha opinião, pro-

(1) Mr. Mollien diz o seguinte, em 1813: — Existia antigamente um convento de franciscanos, composto de quatro frades d'esta ordem; uns morreram, outros voltaram para a Europa. Laranjeiras e limoeiros se elevam no meio dos cardos que cobrem seu jardim, cujos muros caíram com o tempo. — *Voyag. etc.* tom. 2.º, pag. 247.

vam que a parochia de Bissau então é que se creára. Estas duas verbas, que vem incluídas n'uma folha de pagamentos para a nova fortaleza, dizem o seguinte:

« Ao vigario da Igreja, quarenta mil réis de ordinaria cada anno.

« Ao thesoureiro da mesma igreja, de sua congrua, fabrica, de sachristia, vinho, hostias e cêra, cincoenta e seis mil réis cada anno para tudo. »

Ora, havendo-se queimado em 1696 o convento de Bissau, na occasião das guerras por causa ou a pretexto da fortaleza que em 1692 se mandára continuar, e ao mesmo tempo fazer-se uma parochia e alfandega, e devendo esse convento ter uma igreja; é claro que as funções parochiaes eram exercidas pelos frades, e que só agora se ia dar a esta christãde por vigario um ecclesiastico secular, ao qual se arbitrava uma *ordinaria de quarenta mil réis por anno*, assim como ao capitão-mór se arbitrara no mesmo diploma o *ordenado de duzentos mil réis*, e ao feitor o *ordenado e mantimentos de cento e vinte mil réis*, por anno.

Tambem não é exacto que em 1693 (e não 1696) se tivessem mandado fundos para a construcção da igreja, assim como se não mandaram para a fortaleza e alfandega. Todas estas despezas, rezava o diploma, *deviam ser feitas pela companhia de Cacheu e Cubo Verde pelo dinheiro da terra*, (queria dizer, em generos) e *preço commum d'ella, para o que se lhe consignaram logo em Lisboa quinze mil cruzados*. Esta disposição mostra que taes fundos se não mandaram; e se fosse preciso mais alguma prova a esse respeito, achar-se-ia na carta de Vidigal Castanho de 19 de março de 1697, em que se queixa que *nada lhe quizeram pagar dos grandes gastos que fez com o auxilio que de Cacheu trouxe a Bissau, com as dadas que varias vezes deu ao rei e mais gentios em ordem a compôr as muitas discordias que achou, e na compra do sitio da fortaleza*; dando assim um documento da *lealdade* com que a companhia cumpriu as obrigações a que se ligára.

Agosto de 1850.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO III.

Em que o auctor faz admiraveis considerações sobre muitas cousas importantes.

« AS NACIONALIDADES tendem a dissolver-se, » dizia ha pouco tempo um amigo meu, ainda moço e de bastante talento. Respeito muito a sua opinião; mas estou convencido, litterariamente fallando, que a nacionalidade de um povo ha de ser o ultimo sentimento a extinguir-se n'elle, quando já não tiver independencia, costumes seus proprios, historia nem lingua. Sobre tudo estes dous grandes elementos de amor patrio, um conservado pela tradição, o outro alimentado pela afeição ao berço em que nascemos, só descerão ao tumulo depois de ter ali descido para sempre a nação que lhes dera a vida.

Ainda que a patria seja um pedaço de terra ingrata, um rochedo despido de vegetação, não ha no mundo lembrança mais doce para nós, do que a de esses formosos dias da mocidade, nem sitio mais agradável no mundo do que aquelle por onde demos os

primeiros passos, aquecidos apenas por um pouco de sol, que bastava para nos encher a vida, embora não agradasse aos estranhos.

A nacionalidade não se extingue. É capaz de viver mesmo sem passado, sem tradições gloriosas, só pelo amor do berço, no meio de montanhas aridas ou em campinas ferteis, possuindo uma lingua, transmittida de geração em geração unicamente por meio da palavra. Entre os povos barbaros é assim que ella vive, e se conserva por espaço de seculos, e morre com elles ou não acaba. Nos paizes civilisados em que o homem se acha, por assim dizer, mais longe da natureza, se não ha tão grande força de sentimento para amar o solo natal, esse amor é alimentado mais delicadamente por uma lingua culta, uma historia mais ou menos gloriosa, e muito mais pela litteratura.

Não é aqui o logar proprio para tratar devidamente a questão das nacionalidades, porque muita gente a encara como questão politica, ainda que para mim é absolutamente litteraria; contudo, reservo-me para ensaiar em outra parte os meus limitados conhecimentos, quando a occasião o permittir, em defeza d'esta opinião.

Li em alguma parte, que um povo não pôde ser pintado senão em dous quadros: o da sua historia e o da sua litteratura; e que, sobre tudo, em se tratando d'esta ultima, o problema a resolver deve ser sempre o explicar a litteratura pela nação, e a nação pela sua litteratura.

A dissolução ou a fusão das nacionalidades oppõem-se, a differença que ha entre os usos, costumes e genio individual de cada nação, o seu modo de existir particular; a maneira diversa de encarar as cousas; pensar e obrar, é a manifestação do seu genio, que apparece em todos os momentos e em todos os pontos da sua vida exterior e interior. As nações são pequenos mundos separados, que se não podem confundir, ainda mesmo que um clima differente não influisse poderosamente na formação e temperamento dos seus individuos. A divergencia nota-se muitas vezes debaixo da mesma latitude, e algumas na mesma nação.

Pôde succeder o espantoso phenomeno de se seguirem por toda a parte as doutrinas de uma mesma escola, com os mesmos principios e theorias, porque em alguma cousa se hão de manifestar os grandes traços que aproximam, em sua origem, a similhaça do genero humano; as afeições, as paixões, e outras mil qualidades universaes que constituem a humanidade em cada individuo, e o subordinam a leis invariaveis. Todavia a differença subsiste fortemente na combinação, applicação e emprego das qualidades particulares e especiaes a cada paiz. D'aqui resulta que o desenvolvimento intellectual é rapido em um ponto, lento em outro, segundo a terra, o ar, o sol, os habitos, a historia e a religião. Todas estas condições influem mais ou menos no modo de existir dos povos; uns são cheios de espirito e vivacidade, outros são languidos, e a idéa forma-se indolentemente no seu cerebro; n'estes funcionam os orgãos em perfeita liberdade, n'aquelles estão subjugados por principios estranhos ou oppostos, que dificultam o livre arbitrio. Um francez, por exemplo, não pôde nunca assimilar-se a um allemão, ou a um inglez. Mesmo no meio-dia da Europa, aonde o caracter individual tem mais identidade, aonde a mesma religião, quasi o mesmo passado, e as mesmas aspirações do futuro pareciam dever aproximar os homens e as cousas para uma só nacionalidade, é impossivel ali mesmo alimentar similhante idéa. Um portuguez não pôde ter a mesma nacionalidade

que um hespanhol ou um italiano. Não me digam que se pretende acabar com as nacionalidades, (quem?) ou fundil-as em uma só, universal. Paradoxo, absurdo! Pois se um individuo, só por si, não deixa nunca de amar a terra do seu berço, como podem essas grandes familias humanas, que se chamam nações, dissolver o principio pelo qual constituiram a sua independencia, que é um grande germen de nacionalidade? Perdida a liberdade, corrompidos os costumes, a lingua degenerada com a invasão estrangeira, e convertida em algaravia de barbaros, então sim, a nacionalidade póde extinguir-se, porque o povó terá perdido a consciencia de si mesmo; a oppressão ter-lhe-ha morto o sentimento, o amor do solo, a alma, a vida politica e a vida moral; então sim, a nacionalidade acaba, porque morre sobre o tumulo de um povo, como em Babilonia, deixando por memoria um grande templo, como em Jerusalem. Mas antes de expirar, a nacionalidade defende-se, como nas Gallias, por espaço de mil annos, sacrificando-se por ella milhões de individuos, até succumbir o ultimo sobre o derradeiro palmo de terra livre que restar ao seu paiz!

Oh! desgraçado de mim, que me precipitei n'um despenhadouro de reflexões moraes e politicas! É forte mania a minha, de me andar sempre a desmandar do meu caminho, dando razões que me não pedem. É então porque! Todo este aranzel veio a proposito de demonstrar a differença que ha entre os costumes e usos de Lisboa e do Porto. A final comencei a passear por tão longe do assumpto, que quasi me esqueci d'elle. A distracção é um triste padecimento! Comtudo agora já não tenho tempo nem occasião de tornar a começar esta longa dissertação das diversidades que existem, não só entre as varias nações, mas até entre os individuos de um mesmo paiz.

O *Café Guichard*, é o *Marrare de Polimento* do Porto, com a simples differença de não possuir essa profusão luxuosa de madeira envernizada, que immortalizou nas columnas de um jornal burlesco o *Café Marrare*. O *Guichard* é, como o Porto, inimigo das innovações; apesar de ser situado no ponto mais central e mais concorrido da cidade, conserva exteriormente as apparencias tradicionaes do antigo *bolequim*. Meias portas pintadas de verde e envidrajadas do meio para cima, quasi sempre fechadas, estão muito longe do bom gosto que se nota em Lisboa n'este genero de estabelecimentos. A' primeira vista pareceu-me uma taberna ingleza; todavia, como me disseram que era ali o melhor café da cidade, entrei. O interior corresponde ao exterior; máu gosto em tudo; nas pinturas, nos moveis, nas luzes, e mesmo nas bebidas! Para ser o rival do *Marrare*, está pouco acima dos cafés mais vulgares de Lisboa. É assim mesmo, era exacto o que me tinham affiançado; no Porto não ha outro melhor; e é necessario confessar, que para o gosto especial dos habitantes, para os costumes e habitos, e para as difficuldades com que tem de luctar ali todas as innovações, o *Café Guichard* é superior a quanto se pudesse esperar.

O *Guichard* é o circulo aonde se reúnem as sumidades litterarias e politicas do Porto, assim como as de Lisboa se reuniam antigamente no *Marrare*. A industria tem tambem os seus circulos especiaes. O commercio é que está por toda a cidade; nas ruas, nas praças, nos passeios, sobre as pontes, nas lojas, nos armazens, nos caes; em toda a parte aonde se póde accommodar um fardo de linho, ou um barril de vinho, apparece um gordo e honrado burguez, somando ou diminuindo, multiplicando ou dividin-

do. É um facto incontroverso, que o commercio domina aqui a litteratura. Ainda que se manifestem quotidianamente verdadeiras tendencias litterarias por entre a mocidade, os algarismos absorvem tudo; tempo e paciencia; idéas e palavras! Um pedaço de papel crivado de cifras, tem muito mais merecimento do que cheio de bellas estrophes, separadas umas das outras com toda a elegancia e compasso de uma pauta de muzica.

É um padecimento, uma affecção nervosa de negociar, que ataca toda a gente; eu apenas desembarquei, senti-me possuido da mania; a febre do commercio investiu comigo: comprei um par de pistolas, seis pares de luvas, uma duzia de cartas geographicas; vendi o meu *paletot* a um companheiro de viagem, troquei os botões da camiza n'um ourives, e cedi o chapéu de chuva a um amigo, regateando no prego como se fosse um usurario judeu!

Quem chegar á cidade do Porto, apanhe o primeiro fragmento de papel que encontrar ao acaso, em uma rua qualquer; e já d'aqui lhe affianço, que por mais pequeno que este seja, estará cheio de calculos, dominado sempre por um implacavel *deve e ha de haver*. Ha sitios em que nem as paredes escapam ás subtilezas engenhosas d'essas machinas de contar, chamadas negociantes. Nas visinhanças da alfandega, os muros e as portas apresentam um curso completo de contabilidade. A arithmetica reina despoticamente com todas as suas potencias. Aqui apparecem os numeros arredondados a lapis e desenhados com elegancia, ali abertos laboriosamente a ponta de canivete, descrevem curvas e sinuosidades que recordam a infancia da arte. A espaços, a algebra, a geometria, em toda a gala das suas proporções, mostram-se tambem ostentadamente com todo o rigor da exactidão. É um arrendado caprichoso de algarismos e de signaes, uma variedade de traços, uma profusão de subtracções que faz pasmar. As fracções amontoam-se confusamente em alguns pontos, aonde o calculo decimal chegou ao infinito da exaggeração; os divisores, estrangulando millessimos e millessimos, só abandonam as quantidades ao pé do impossivel! As mollecules e os atomos, para semelhantes calculadores, seriam ainda grandes corpos para alimentar a sua voracidade de dividir; multiplicando-os morreriam esmagados por elles, porque os haviam de elevar ás proporções de montanhas, ou á grandeza de mundos!...

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.º 227 e 228, o tomo 3.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 440 paginas, de 8.º francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.